

**A TRAJETORIA DOS DEUSES NO UNIVERSO POETICO  
DE RICARDO REIS \***

Sergio Monteiro Zan \*\*

..... temo  
Que do mar e do Céu, em poucos anos,  
Venham Deuses a ser, e nós humanos.

**CAMÕES**

Quando ouvimos dizer a Antônio Mora que da Grécia antiga é possível ver-se o mundo todo, sabemos que a luz do axioma monumental, fartamente secundado pela História e pela Cultura, ilumina também outros pontos da poesia pessoana. Nem mesmo Alvaro de Campos, o vigoroso poeta das sensações excessivas, se abstém, em meio ao concerto ensurdecedor das máquinas e das engrenagens, de reconhecer a eterna permanência dos antigos conceitos. Fagulhas desta idéia cintilam na própria **Ode triunfal**, no momento em que se fundem no presente as conquistas do passado e, junto delas, as antevisões do futuro. A data da composição desta ode, junho de 1914, coincide, o que não deixa de ser significativo, com a do aparecimento dos primeiros versos de Ricardo Reis.

É então que emergem e se expandem, redivivas na obra de Fernando Pessoa, as imagens, as idéias, os mitos, uma grande parte, enfim, da mundividência habitual do espírito grego, valores que a Antiguidade exauriu, cujo brilho a Renascença (em termos) devolveu e que Reis, na máxima certeza do seu viço constante, agora habilmente remete à problemática do homem contemporâneo.

\* O presente trabalho foi apresentado em janeiro de 1975 à Professora Cleonice Berardinelli, com referência ao curso «A poesia de Fernando Pessoa», ministrado em nível de pós-graduação, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, durante o 2º semestre de 1974, tendo obtido conceito A.

\*\* O autor é mestrando da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publicou **O Auto de Gil Vicente: uma sátira de costumes** (SIDIC, 1974, Ponta Grossa) e, atualmente, exerce as funções de Auxiliar de Ensino de Literatura Portuguesa na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

Ganha novo alento, à voz suave que toda ela se volta, a augusta placidez da natureza ofertada. Renascem, em sossego bucólico, o puro sopro das brisas e mansidão fluente dos regatos. Revivem, à flauta do cantor, o murmúrio das árvores e a pujança das ondas, num conjunto pastoral de sons, de cores e de aromas. E, nesse novo universo conquistado, livre de tudo quanto possa ofuscar-lhe a agreste e primitiva beleza, renasce ainda a grandiosa assembléia dos deuses.

Mas o que acima de tudo renasce é a profunda necessidade de autocompreensão que o homem de tempos em tempos experimenta e que o leva a buscar, no mesmo nível da sua contingência, o seu sentido de vida. Forçado, pois, por uma predestinação que o conduz ao nada, o homem que brota do paganismo total de Ricardo Reis; (cerradas para ele as portas do transcendente) vai procurar colher no próprio efêmero da existência os frutos da sua condição.

Observemos, portanto, na amplidão poética das **Odes** de Reis, o traçado do caminho evolutivo dos deuses e o significado da sua presença e do seu comportamento. Veremos então que, muito cedo, a trajetória divina se há de confundir e de identificar com a trajetória do Homem.

Envoltos pela extraordinária harmonia que governa todo o sistema poético instaurado pelas **Odes** de Ricardo Reis, os deuses transpõem diferentes céus. Astros, o seu trajeto não será uma órbita estável que os submeta àquela imperiosa e universal escravidão, sob a qual navegam as multidões intermináveis do espaço. Sóis, talvez, não a buscarem perpetuamente a estrela Vega distante, sempre desejada e sempre ausente, esquiva aos raios de uma luz sublime que por ela se dissolvem na noite onipotente do infinito; sóis, porém, cujo lento caminhar lhes vai a pouco e pouco escurecendo o brilho; deuses, não já imortais, porquanto, ao fim da trajetória, se hão de anular como deuses, para humanamente triunfarem, num triunfo de poesia.

Penetremos, pois, de imediato, na imensidade cósmica das **Odes**, para mais de perto sentirmos toda a aventura poética desse percurso divino.

E, no princípio da estrada, um poema:

Os deuses desterrados.  
Os irmãos de Saturno,  
As vezes, no crepúsculo  
Vêm espreitar a vida.

Vêm então ter conosco  
Remorsos e saudades  
E sentimentos falsos.  
É a presença deles,  
Deuses que o destroná-los

Tornou espirituais,  
De matéria vencida,  
Longínqua e inativa.

Vêm, inúteis forças,  
Solicitar em nós  
As dores e os cansaços,  
Que nos tiram da mão,  
Como a um bêbado mole,  
A taça da alegria.

Vêm fazer-nos crer,  
Despeitadas ruínas  
De primitivas forças,  
Que o mundo é mais extenso  
Que o que se vê e palpa,  
Para que ofendamos  
A Júpiter e a Apolo.

Assim até à beira  
Terrena do horizonte  
Hipérion no crepúsculo  
Vem chorar pelo carro  
Que Apolo lhe roubou.

E o poente tem cores  
Da dor dum deus longínquo,  
E ouve-se soluçar  
Para além das esferas...  
Assim choram os deuses.<sup>1</sup>

Segundo as informações que nos fornece Hesíodo, em sua *Teogonia*, os filhos de Urano, o Céu, e de Gê, a Terra, conhecidos também como os "Titãs", pertenceram à geração divina que procedeu imediatamente a primeira geração olímpica. Havia seis Titãs masculinos: Ceo, Crio, Cronos, Hipérion, Iápeto e Oceano; e seis femininos, as Titânias: Téia, Réia, Têmis, Mnemósine, Febe e Tétis. Sob o comando de Cronos (Saturno), os Titãs revoltaram-se contra o pai. Urano, e o destronaram. Todavia, a mesma sorte de Urano estava reservada a Saturno. Tendo tomado por esposa a sua irmã, Réia, e ciente da profecia de que um dos próprios filhos seria o responsável pela sua destruição, Cronos os devorava a todos, tão logo nas-

<sup>1</sup> Os versos citados estão de acordo com PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro. Aguillar, 1972. 786 p.

ciam ("deus atroz / que os próprios filhos / devora sempre" <sup>2</sup>). Mas, por interferência de Réia, Zeus (Júpiter) sobreviveu. Mais tarde, ao cabo de uma luta que durou dez anos, cumpriu-se o vaticínio. Os Titãs foram afinal vencidos por Júpiter que, encerrando-os no Tártaro, passou a reinar do Olimpo sobre a Terra e o Céu, os homens e os demais deuses, concedendo a seus irmãos Hades (Plutão) e Poseidon (Netuno) — a quem Saturno se viu forçado a restituir a vida — respectivamente, o domínio dos infernos e a soberania dos mares. <sup>3</sup>

Neste poema, que consideramos o primeiro momento do percurso dos deuses, já se pode notar a inteira manifestação do Homem, como ponto único de referência e como centro virtual da própria posição divina. Temos, assim, os Titãs, de que falam Hesíodo e a mitologia, desprovidos de todo o antigo poder ("inúteis forças"), a virem, por vezes, encobertos pela obscuridade crepuscular, mais apropriada à sua essência espreitar os humanos.

Ainda conforme Hesíodo, a monstruosidade e a selvageria, que costumavam caracterizar esses deuses que Júpiter desterrou, vieram a ser substituídas pela beleza, pela serenidade e pela luz dos olímpicos triunfadores. É assim que, a exemplo da imagem negativa que dos Titãs delineou a crônica divina do poeta grego, Reis à presença deles associa o aparecimento de todos os males que afligem o espírito dos mortais. Atribuindo a essas "inúteis forças", a essas "despeitadas ruínas de primitivas forças", o nascimento da angústia e da dor, o Poeta estabeleceu aqui os dados essenciais para a compreensão dos seus deuses, aqueles que, em verdadeira ascese, o homem irá aos poucos atingindo, à força de imitá-los, como é nossa intenção comprovar.

Outro aspecto desta ode nos leva a acreditar que a angústia humana, advinda do fato de se notar, por influência das deidades vencidas, "que o mundo é mais extenso que o que se vê e palpa", possa remeter à famosa perda da felicidade edênica, pelo conhecimento do bem e do mal, conforme diversa mas em muitos pontos análoga doutrina. Tal conhecimento ofenderia, pois, a Júpiter e a Apolo, assim como o pecado original ofendeu a Jeová. E acrescentaríamos ainda que a serpente da Bíblia muito se aproxima, em todos os sentidos, dos Titãs destronados... Mas o que o poema realmente nos diz é que aos Titãs "o destroná-los tornou espirituais". Isto se opõe evidentemente à materialidade olímpica que ofereceria

<sup>2</sup> Reis aceita a tradição que costuma associar à figura de Cronos a Idéia do Tempo que tudo consome. O étimo do nome Cronos é, contudo, desconhecido. A semelhança com *chronos* (tempo) é meramente casual. Originariamente, Cronos era uma divindade primitiva, em geral ligada à agricultura.

<sup>3</sup> Para informações a respeito de Hesíodo e da sua *Teogonia*, servimo-nos principalmente do DICIONÁRIO de mitologia greco-romana. São Paulo, Abril Cultural, 1973, e dos verbetes Titans e Cronus da *ENCYCLOPAEDIA Britannica*. Chicago, 1963. v. 22 p. 252 e v. 6 p. 801, respectivamente.

o mundo aos homens, mas apenas como realidade palpável, já que a nossa ofensa a Júpiter e a Apolo estaria no nível dos conhecimentos que adquiríssemos sobre as dimensões incógnitas das coisas e dos seres. Não podemos deixar de notar, porém, que, para Hesíodo, era exatamente o contrário que se verificava, isto é, à materialidade cruel dos vencidos sucedia a espiritualidade e a pureza de Júpiter. Mas Reis quer ver nessa "matéria vencida, longínqua e inativa", onde deixa persistirem o espírito e a transcendência, o ponto exato da origem das angústias que, sintetizadas no pranto crepuscular de Hipérion (de cuja união com Téia nasceu Hélios, o Sol), vêm por vezes unir no mesmo soluço os homens (que a imagem do Olimpo há de, no entanto, tranquilizar) e esses deuses que choram para além das esferas.

Porque, para Reis, senão a felicidade, pelo menos a não-infelicidade reside justamente na negação de todo espírito e de toda transcendência, na medida em que é superior a todos os valores "a consciência lúcida e solene das coisas e dos seres", única forma de se evitar o sofrimento e o temor de uma certeza final:

Tirem-me os deuses  
Em seu arbítrio  
Superior e urdido às escondidas  
O Amor, glória e riqueza.

Tirem, mas deixem-me,  
Deixem-me apenas  
A consciência lúcida e solene  
Das coisas e dos seres.

Pouco me importa  
Amor ou glória,  
A riqueza é um metal, a glória é um eco  
E o amor uma sombra.

Mas a concisa  
Atenção dada  
As formas e às maneiras dos objetos  
Tem abrigo seguro.

Seus fundamentos  
São todo o mundo,  
Seu amor é o plácido Universo,  
Sua riqueza a vida.

A sua glória  
É a suprema

Certeza dá solene e clara posse  
Das formas dos objetos.

O resto passa,  
E teme a morte.  
Só nada teme ou sofre a visão clara  
E inútil do Universo.

Essa a si basta.  
Nada deseja  
Salvo o orgulho de ver sempre claro  
Até deixar de ver.

Bem pouco importam ao Poeta o amor, a glória ou a riqueza, valores vãos de um espiritualismo pernicioso e doentio, conceitos que ele despoja de toda a sua carga metafísica, materializando-os, por assim dizer, em sombra, em eco e em metal. Importa-lhe, entretanto, a **atenção** que há de ser dada aos objetos, enquanto maneiras e formas. (E mesmo essa atenção é **concisa**, nítida, abrangente.) A posse, enfim, dessas — formas que nada mais são do que formas — há de vencer, inteiramente o espírito e de condenar para todo o sempre à escuridão do Tártaro os deuses desterrados, confirmando uma vez mais a supremacia do Olimpo.

A essa negação do transcendente prende-se decerto a ausência obstinada, no conjunto das **Odes**, de entidades olímpicas que representem os valores morais. Não há lugar para Eros no Panteão de Reis. Vênus raramente aparece, e quando o faz é numa breve referência casual, vivendo, por exemplo, — “deusa clara / nada dos mares” — na mente ingênua de uma pastora. (Conseqüentemente, Cloe, Lídia, Neera não são mais que singelas companhias, cuja serena invocação não comporta as ardências dum sentimento de amor.) Os deuses da natureza têm, todavia, assento seguro. Ceres, Pã, Diana, Apolo, ao lado de Júpiter e Netuno, são em geral evocados, porque “não moram no vago”. E Plutão. E as Parcas...

Porque, apesar de tudo, Reis, para quem o temor de nada e a ausência de sofrimento repousam na “visão clara e inútil do Universo”, é constantemente assediado pelo sofrimento e pelo temor. Não, porém, pelo temor de não possuir aquela “consciência lúcida e solene”, e sim pelo de que, por uma fatalidade qualquer, venha a deixar de possuí-la, vítima da grande mutação, das assustadoras surpresas, da eterna diversidade da vida — o medo do destino:

Sofro, Lídia, do medo do destino.  
A leve pedra que um momento ergue  
As lisas rodas do meu carro, aterra  
Meu coração.

Tudo quanto me ameace de mudar-me  
Para melhor que seja, odeio e fujo.  
Deixem-me os deuses minha vida sempre  
Sem renovar

Meus dias, mas que um passe e outro passe  
Ficando eu sempre quase o mesmo, indo  
Para a velhice como um dia entra  
No anoitecer.

Insinuam-se, pois, neste poema, as obsessivas inquietações acerca do destino, um dos pontos capitais da temática de Ricardo Reis, cujos diferentes aspectos iremos aos poucos apontando. O que, por enquanto, o preocupa apenas é a eventualidade dessa mudança ou dessa renovação que, para melhor ou para pior, venha a prejudicar a aceitação plena, serena e desinteressada do fim inevitável.

Numa espécie de resposta a esse temor, deseja o Poeta ainda que aquela mesma "consciência lúcida" se intensifique e se volte para o próprio eu, desvendando todos os arcanos da sua verdadeira condição que, finalmente, se resolvem em nada. Eduardo Lourenço explica com admirável justeza esta aspirações poética: "Para alcançar essa *invulnerabilidade* suprema que os fados reais não nos consentem, aceitemos como essencial e constantemente percebíveis a nós e ao universo inteiro, enraizemo-nos sem remorsos na nossa condição original que sem cessar velamos para melhor subsistir, com o risco de perder o único benefício e alcançar o único esplendor que pode coroar o nosso nada: ter consciência dele." <sup>4</sup> E Lourenço apoia o seu comentário sobre um doloroso poema:

Melhor destino que o de conhecer-se  
Não frui quem mente frui. Antes, sabendo  
Ser nada, que ignorando:  
Nada dentro de nada.

Se não houver em mim poder que vença  
As Parcas três e as moles do futuro,  
Já me dêem os deuses  
O poder de sabê-lo;

E a beleza, incriável por meu sestro,  
Eu goze externa e dada, repetida  
Em meus passivos olhos,  
Lagos que a morte seca.

A consciência do nada faz outra vez emergir, impressionante e solene, o motivo do destino.

<sup>4</sup> LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa revisitado*, Porto, Inova, 1973. p. 55.6.

(Dir-se-ia que Reis utiliza em poesia um processo semelhante ao da música wagneriana, numa complexa e estarrecedora sucessão de motivos condutores, por vezes entrelaçados num mesmo poema, desvanecendo-se aqui e ressurgindo mais adiante, compondo, das suas diversas melodias, a esplêndida tessitura das *Odes*.)

E é importante observar ainda que esse “saber ser nada” nos conduz diretamente à idéia antes notada da negação da transcendência, que assume aqui a roupagem de nova negação, a da própria criação artística — gênese do belo e suprema atividade do espírito. O Poeta, vencido pelo destino, impotente face à concretização da beleza, há de contentar-se apenas, na desértica aridez do seu íntimo, com fruí-la, mas “externa e dada”, inativamente, num gozo frio visual e sem vestígios de sensações sublimes ou de emoções estéticas, refletida em olhos passivos a que, com muita propriedade, cabe o epíteto fatal de lagos condenados.

Aquele mesmo temor da mudança e da renovação, já inquietamente confessado a Lídia, vai encontrar eco numa outra confissão:

Temo, Lídia, o destino. Nada é certo.  
Em qualquer hora pode suceder-nos  
O que nos tudo mude.  
Fora do conhecido é estranho o passo  
Que próprio damos. Graves numes guardam  
As lindas do que é uso.  
Não somos deuses; cegos, receemos.  
E a parca vida dada antepo我们有  
A novidade, abismo.

Novamente a idéia do desconhecido, como fonte de todas as angústias. Nova referência às Parcas e à inexorabilidade dos fados. Realça ainda a certeza dos limites finais da existência o fato de não sermos deuses, não comportando, pois, a exigüidade da vida as surpresas da novidade. “Não somos deuses”: sintomática declaração onde pela primeira vez ocorre, no caminho que traçamos, o confronto direto, ainda que em termos de não-identificação, da essência humana e da essência divina.

Como natural decorrência da negação dos valores transcendentais, bem assim do tratamento material e humanista dispensado às deidades olímpicas, vai produzir-se em Reis o afastamento cabal dos conceitos e propósitos cristãos, onde reside, intensa e fundamentalmente, a espiritualidade. Cristo há de encontrar, no entanto, o seu lugar no imenso Panteão que o poeta politeísta e pagão constrói sobre o terreno das *Odes*:

Não matou outros deuses  
O triste deus cristão.  
Cristo é um deus a mais.  
Talvez um que faltava.



Um deus a mais. Um deus triste. Um mero preenchimento de lacuna. Não implica a sua presença a anulação dos demais deuses, velhos povoadores do clássico Panteão, eternamente vivos no mito e na concepção poética de Ricardo Reis que, na sua ânsia de realidade imediata, os reconhece como símbolos perfeitos da matéria triunfante, vivos, não no mistério, mas na própria manifestação concreta das coisas:

Vós que, crentes em Cristos e Marias,  
Turvais da minha fonte as claras águas  
Só para me dizerdes  
Que há águas de outra espécie  
.....  
Deixai-me a Realidade do momento  
E os meus deuses tranqüilos e imediatos  
Que não moram no vago  
Mas nos campos e rios.

Pois não são merecedores do olhar complacente dos deuses do Olimpo aqueles que, a despeito da sua remotíssima origem, a eles queiram antepor a imagem de um novo deus:

Mas aquele que quer Cristo antepor  
Aos mais antigos Deuses que no Olimpo  
Seguiram a Saturno —  
.....  
Erra, sombra inquieta, incertamente.

A tristeza cristã, portanto, tão distante da plácida alegria olímpica, é justamente o pólo contrastante do conjunto divino de Reis, que a aceita somente como a complementação lógica da antiga comunidade dos deuses ou a tomada de posse de um assento, antes vazio, no velho Panteão. Todas estas idéias se ordenam em dois poemas de importância fundamental para a apreensão da linguagem poética das **Odes**. Eis o primeiro:

Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero.  
Em ti como nos outros creio deuses mais velhos.  
Só te tenho por não mais nem menos  
Do que eles, mas mais novo apenas.

Odeio-os sim, e a esses com calma aborreço.  
Que te querem acima dos outros teus iguais deuses.  
Quero-te onde tu 'stás, nem mais alto  
Nem mais baixo que eles, tu apenas.

Deus triste, preciso talvez porque nenhum havia  
Como tu, um a mais no Panteão e no culto.  
Nada mais, nem mais alto nem mais puro  
Porque para tudo havia deuses, menos tu.

Cura tu, idólatra exclusivo de Cristo, que a vida  
É múltipla e todos os dias são diferentes dos outros.  
E só sendo múltiplos como eles  
'Staremos com a verdade e sós.

As três primeiras estâncias desta ode retomam e aprimoram, como se pode observar, os **Leitmotive**, já antes assinalados, da posição de Cristo em relação aos outros deuses (e o Poeta é categórico na afirmação da sua **crença**, tanto nestes como naquele), do ódio (e mesmo o ódio, para Reis, só pode ser admissível numa atmosfera de **calma**) aos seguidores unilaterais do Cristianismo, e da possível necessidade de um novo deus, a completar com a tristeza a alegre companhia das deidades pagãs. Mas é um novo motivo que nasce na derradeira estrofe do poema: ao unilateralismo dos seguidores da fé cristã opõe-se violentamente a incontestável multiplicidade dos seres e da vida, de tal modo que somente a multiplicidade dos deuses e o politeísmo fértil e diversificado surgem como a possibilidade única e definitiva para a aproximação da verdade. Nisto se mostra, com certeza, mais um reflexo da eterna preocupação poética de Fernando Pessoa com a diversidade de tudo, existente no mesmo plano da extraordinária visão artística que gerou um drama em poetas. O próprio Reis inicia uma das suas últimas odes com o verso: "Vivem em nós inúmeros".

Num outro poema ainda, a mesma idéia desponta, unida à da visão clara e precisa do universo:

Aprende, pois, tu, das cristãs angústias.  
Ó traidor à múltiplice presença  
Dos deuses, a não teres  
Véus nos olhos nem na alma.

A ode "Não a ti, Cristo, odeio ou menosprezo" é uma verdadeira paráfrase da que imediatamente se lhe antecede. Devemos assinalar, contudo, a existência aqui, além das idéias já antes expressas, de novos e vigorosos motivos. Nos dois últimos versos da quinta estrofe, por exemplo:

Onde os deuses não são  
Mais que as estrelas súditas do Fado.

o motivo do destino renasce de improviso, envolto por uma aura totalmente nova, na medida em que aos fados incombateíveis os próprios deuses se inclinam: um traço comum que os aproxima dos homens.

E nas duas estâncias finais:

Ah, aumentai, não combatendo nunca.  
Enriquecei o Olimpo, aos deuses dando  
Cada vez maior força  
Pelo número maior.

Basta os males que o Fado as Parcas fez  
Por seu intuito natural fazerem.  
Nós homens nos façamos  
Unidos pelos deuses.

consumada, enfim, a materialização de Cristo no nível dos olímpicos e a sua conseqüente aceitação no ideário das *Odes*, verifica-se, ante a patente inexorabilidade do destino, a exortação poética de Reis, segundo a qual os homens, sem particularizarem as crenças, antes contribuindo com novos deuses para a força e para o esplendor do Olimpo, devem tornar-se, por esses mesmos deuses, unidos.

E da preemptória declaração de que “não somos deuses” passando à necessidade de fazerem-se os homens “unidos pelos deuses”, num total nivelamento de doutrinas e de religiões, sobe Reis o primeiro degrau de uma fantástica ascensão. Encurta-se, assim, a distância que separa da essência mortal a idealizada configuração divina.

Num ponto mais avançado da trajetória, floresce outra ode:

Da nossa semelhança com os deuses  
Por nosso bem tiremos  
Julgarmo-nos deidades exiladas  
E possuindo a Vida  
Por uma autoridade primitiva  
E coeva de Jove.

Altivamente donos de nós-mesmos,  
Usemos a existência  
Como a vila que os deuses nos concedem  
Para esquecer o estio.

Não de outra forma mais apoquentada  
Nos vale o esforço usarmos  
A existência indecisa e afluyente  
Fatal do rio escuro.

Como acima dos deuses, o Destino  
É calmo e inexorável,  
Acima de nós-mesmos construímos  
Um fado voluntário  
Que quando nos oprima nós sejamos  
Esse que nos oprime,  
E quando entremos pela noite dentro  
Por nosso pé entremos.

Sente-se de imediato o largo espaço percorrido desde a dureza da frase “não somos deuses” até a esta “nossa semelhança com os deuses”, colocada em relevo à testa do poema.

Já transposto o estágio da simples união pelos deuses, todo o bem que possa advir da atual semelhança com eles está no nível de uma autodefinição do Homem como deidade exilada a quem a vida acontece por obra dos próprios deuses, que nada mais que a vida

consentem ("Não consentem os deuses mais que a vida"). Se a expressão "deidades exiladas", com que Reis quer identificar o gênero humano, equivale em sentido literal à expressão "deuses desterrados", a sua ocorrência aqui assume uma significação diversa. É certo que os Titãs, embora condenados a eterno desterro, conservam, nas profundezas do Tártaro, o sopro da imortalidade; os homens, porém, condenados a uma existência de incógnitas origens, recebem com essa mesma existência a clara certeza do seu termo, às margens do Aqueronte. Mas, se é o exílio da vida a única dádiva a receberem os homens, ainda lhes cabe a mente, atributo da vida, e o poder de controlar, puras deidades, as próprias atitudes. Estas, enfim, se não de orientar somente dentro daquela configuração primária da existência, como via sem variantes, cuja meta forçosamente virá. Se há, pois, um destino que até mesmo acima dos deuses imortais se coloca, subjugando-os, há também a possibilidade de o Homem, por uma voluntária opção, acomodar-se da maneira mais adequada a essa situação, sercnamente **durando** nessa vila onde lhe é dado esquecer o estio (assim ele a julgue), "tendo nem o remorso de ter vivido".

Remetendo a idéia da sujeição dos deuses aos fados a sua outra ocorrência já registrada, e considerando a obsessiva e inquietante presença do destino no sistema poético das *Odes*, talvez já nos seja lícito concluir que toda a sua problemática, da qual as demais não passam de paráfrases ou corolários, constitua verdadeiramente a mola propulsora da esplêndida galáxia de Ricardo Reis.

Vale dizer ainda, a título de ilustração, que é bastante comum nos clássicos essa noção da superioridade ativa e inflexível do destino, a quem os próprios deuses, sendo deuses, não deixam de obedecer. Dentre os muitos exemplos encontráveis, selecionamos um fragmento do **Prometeu acorrentado** de Ésquilo:

Coro das Ninfas do Oceano: Estamos persuadidas de que poderias, liberto dessas cadeias, ser tão poderoso quanto Júpiter...

Prometeu: Não!... Não foi assim que dispôs o destino inexorável. Só depois de haver sofrido penas e torturas infinitas é que saí desta férrea prisão. A inteligência nada pode contra a fatalidade.

Coro: E a fatalidade, quem a dirige?

Prometeu: As três Parcas, e as Fúrias, que nada perdoam.

Coro: Será Júpiter, acaso, menos poderoso que essas divindades?

Prometeu: Sim... ele próprio não poderá eximir-se a seu destino.<sup>5</sup>

Não consentindo os deuses mais que a vida efêmera, fugaz, tomada unicamente no sentido primeiro da palavra, ou seja, o da sim-

5 ESQUILO. *Prometeu acorrentado*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d. p. 46-7.

ples animação dos corpos, concedem pouco; e esse pouco que concedem é falso, ainda que na verdade o concedam:

Pouco os deuses nos dão, e o pouco é falso.  
Porém, se o dão, falso que seja, a dádiva  
É verdadeira.

E prende-se de imediato a essa aceitação da vida que, por imposta, não pode conhecer recusas, a solução humanista do estabelecimento de um fado voluntário sobre o involuntário destino, novamente aconselhada pelo Poeta:

Nunca a alheia vontade, inda que grata,  
Cumpras por própria. Manda no que fazes,  
Nem de ti mesmo servo.  
Ninguém te dá quem és. Nada te muda.  
Teu íntimo destino involuntário  
Cumpre alto. Sê teu filho.

Já não teme, pois, como a princípio, os reveses do destino a expressão poética de Ricardo Reis. Os deuses, que concedem a vida e lhe apontam o termo fatal, gastam com isso todo o seu poder em relação aos homens. E a intensa materialidade que envolve cada vez mais os deuses lhes vai, a pouco e pouco, reduzindo a própria dimensão divina. O fim inevitável existe e nada o muda. Apenas podem mudar os caminhos que até ele nos conduzem. São esses caminhos os diferentes "destinos" que o nosso discernimento nos permite traçar e seguir. Seguindo, pois, uma dessas trilhas, baseado na autodeterminação e na segurança do Homem, que não conhece senhores nem cumpre jamais alheias vontades, é que o Poeta se faz e se consuma, numa atitude, maior que a da simples concessão da vida, de autêntico agente da sua própria realização. E todo o vigor da essência verdadeira do Homem, só pelo Homem conquistável, se opõe então à melancólica potência divina, que numa única dádiva se completa e se extingue. O Homem, enfim, agindo sobre esse dom, com tanta indiferença tratado pelos doadores, passa a constituir-se numa séria ameaça à integridade dos deuses.

É serena e tranqüila a posição de Reis:

No mundo, só comigo, me deixaram  
Os deuses que dispõem.  
Não posso contra eles: o que deram  
Aceito sem mais nada.

porque, em ode anterior, fulgura a resposta humana a essa imposição:

Só de aceitar tenhamos a ciência,

E, enquanto bate o sangue em nossas fontes.  
Nem se engelha conosco  
O mesmo amor, duremos.

Essa lânguida e morna **duração**, esse fado voluntário, apanágio do Homem, é traduzido por Epicuro e por Reis na imitação consciente da serenidade e da indiferença dos deuses, no momento em que compensa a resignação estoica ante o jugo da vida (abalando-se já até mesmo o conceito de concessão divina) a busca epicurista de um máximo de prazeres ou de um mínimo de dores:

Mas Epicuro melhor  
Me fala, com a sua cariciosa voz terrestre  
Tendo para os deuses uma atitude também de deus.  
Serenos e vendo a vida  
A distância a que está.

Atitude de deus, contemplando sem um movimento a realidade objetiva das coisas, distante da necessidade de saber "que o mundo é mais extenso que o que se vê e palpa".

Tanto é grato aos deuses esse gesto de calma e de contemplação que eles não permitem aos que em consciência o assumem o mais ligeiro tremor na chama da existência, capaz de perturbar o aspecto da pequena região que ela alumia:

Mas firme e esguiada  
Como preciosa  
E antiga pedra,  
Guarde a sua calma  
Beleza contínua.

E como a vida (que, para Reis, assim como para o poeta ortônimo, "aconteceu do alto do infinito") não pode ser questionada, diluiu-se a valia do pensamento, no instante em que as respostas (se existem) estão, como o destino inflexível, além da esfera dos deuses. Reis aconselha então, abertamente agora, a imitação do Olimpo. Em não pensar reside a divindade. Sem interrogações à vida, a atitude do Homem é positivamente a atitude de um deus:

Vê de longe a vida.  
Nunca a interrogues.  
Ela nada pode  
Dizer-te. A resposta  
Está além dos deuses.

Mas serenamente  
Imita o Olimpo  
No teu coração.  
Os deuses são deuses  
Porque não se pensam.

Paralelamente, na ode "Só esta liberdade nos concedem", o Poeta coloca a essência da liberdade humana na submissão espontânea ao domínio dos deuses (com o que se abala ainda mais o conceito de domínio). Pois, assim como estes, conscientemente curvados ao destino que lhes é superior, forjam para si mesmos uma ilusão imensa de divindade (e as ilusões prescindem de questionamentos), assim também o Homem, aceitando deles o jugo consciente da existência, é capaz de, imitando-os, criar a sua própria liberdade, que só se evidencia no nível puro e simples daquela mesma ilusão. Se, portanto, em nossa lúcida imitação de mais esse procedimento divino, da escravidão que sobre nós (tanto quanto sobre eles) faz pesar o destino soubermos substituir o amargo sabor pelo de uma liberdade ainda que ilusória, o Olimpo mais uma vez sorrirá:

E os deuses saberão agradecer-nos  
O sermos tão como eles.

A mesma idéia ressoa na ode seguinte:

E deixemo-nos crer  
Na inteira liberdade  
Que é a ilusão que agora  
Nos torna iguais dos deuses.

Vencida mais uma etapa da serena escalada do Homem ou da trajetória dos deuses, o Poeta, ainda embriagado por essa liberdade ilusória que brilha no plano da imitação consumada, invoca dos mesmos deuses, antes vivos espelhos, agora imagens quase apagadas, a indiferença e o olvido:

Quero dos deuses só que me não lembrem.  
Serei livre — sem dita nem desdita,  
Como o vento que é a vida  
Do ar que não é nada,

e:

Aos deuses peço só que me concedam  
O nada lhes pedir.

É o momento em que, despojado e deserto, sem uma sombra sequer de espiritualidade, frio como a solidão das escarpas desoladas, senhor de uma liberdade que, filha da ilusão, acaba por tornar-se real, o Homem, sem trair jamais a sua natureza essencialmente humana, se vê afinal equiparado aos deuses, em termos não já de mera e bem sucedida imitação, mas de completa e definitiva igualdade:

Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada  
É livre; quem não tem, e não deseja,  
Homem, é igual aos deuses.

É o vôo poético de Ricardo Reis que, com a expressão da conquista pelo Homem da fisionomia dos deuses, atinge novas altitudes.

Desce depois, sobre a anulação total das dores e das tristezas, uma hora suavíssima. É quando, finalmente igualado às deidades pela crença nas suas atitudes, o Poeta, livre de todos os males e de todas as angústias, num idílio singelo, coroado pela tranqüila presença de Lídia, vive um momento olímpico, um momento breve, onde cabe, todavia uma existência inteira:

.....afastados  
Das terrenas angústias recebemos  
Olímpicas delícias  
Dentro das nossas almas.

E um só momento nos sentimos deuses  
Imortais pela calma que vestimos  
E a altiva indiferença  
As coisas passageiras.

E, no mesmo instante em que o Poeta pisa em triunfo o degrau que lhe há de permitir o altivo sentimento de indiferença pelas coisas passageiras, já é possível entrever-se, nítido, o fim da trajetória. É o fado voluntário do Homem que apressa o Destino inexorável dos deuses! A transitoriedade das coisas, que os olímpicos, do alto da sua indiferença, desprezam, e que os homens, iguais a eles, desprezam também, sobre tocar de perto os mesmos homens, termina por bafejar com o seu hálito fugaz a própria consistência imortal das divindades. Porque, se os deuses, embora conscientes do Fado que os constrange, constroem sobre o destino a sua divina ilusão, também tiram o seu jeito imortal desse olímpico engano que, ao desfazer-se, os arrasta ao abismo. E, ao ungi-los de efêmero, o Poeta, condenando-os, determina a vitória da natureza que, em sua eterna e material mudez, serenamente **dura**:

Os deuses e os Messias que são deuses  
Passam, e os sonhos vão que são Messias.  
A terra muda dura.  
Nem deuses, nem Messias, nem idéias  
Que trazem rosas. Minhas são se as tenho.  
Se as tenho, que mais quero?

Os próprios deuses, em suma, que a memória dos homens forjou imortais, sofrem o efeito do contínuo passar humano, na medida em que na memória dos homens vivem, passando, pois, quando estes passam.

O que pensamos, seja amor ou deuses,  
Passa, porque passamos.



E, finalmente, nos limites extremos da trajetória, quando tomba em ruínas o imenso edifício dos deuses, surge perfeita, das cinzas do Panteão, uma nova dimensão humana. Por obra da própria ação, consciente e límpida, eleva-se a natureza mortal à serenidade suprema do comportamento divino. A cada homem corresponde então um deus, cada homem é um deus, um deus que o anima e que o vivifica, fazendo-se ver com toda a força da indiferença a externa realidade aparente. É o instante em que, por sobre toda a transcendência impera definitivo o fulgor tremendo da matéria e em que, mesmo ante a imposição da vida e a sujeição ao destino, desce uma chuva de louros sobre a vitória assombrosa do Homem, num último e mais intenso jato de luz, a desprender-se do formidável conjunto significativo das *Odes* de Ricardo Reis:

Se a cada coisa que há um deus compete,  
Por que não haverá de mim um deus?  
Por que o não serei eu?  
É em mim que o deus anima  
Porque eu sinto.  
O mundo externo claramente vejo —  
Coisas, homens, sem alma.

A produção poética de Ricardo Reis, que principia em junho de 1914 e termina em novembro de 1935, quando a vida de Pessoa estava já bem próxima do termo, revela um caráter de impressionante coerência e intertextualidade, traço comum, aliás, a toda a obra de um poeta que, segundo a sua própria expressão, não evoluía: viajava.

Assim, não é mais que fortuita a seqüência cronológica que possa haver na linha que tentamos definir. Preferimos ver, na totalidade das *Odes*, um imenso painel onde elas se engastam, sem uma ordem preestabelecida e ao sabor do acaso, mas unidas por fios temáticos muito nítidos, a conferirem-lhes uma tão segura harmonia, como se num mesmo instante tivessem sido escritas.

E assim é, também, que a trajetória dos deuses não é mais que um desses fios que governam a poesia de Reis e cujo seguimento implica uma opção: a opção por uma das janelas que dão para esse espaço extremamente aberto, por onde contemplemos a beleza que ao nosso êxtase oferece o mistério inefável da arte.

E do percurso divino resta-nos a imagem completa do Homem. Como aquele imenso Poeta, que também recorreu ao auxílio dos deuses para a manifestação suprema dos triunfos dos humanos, presas da sua "estranha condição", assim também Ricardo Reis extrai da anulação de um mito a afirmação de uma realidade. Mas, se para o poeta renascentista é a "estranha condição" do homem que o leva à busca da sublimação por feitos heróicos, materiais e transcendentais, para o poeta pagão de hoje é a consciência de um outro tipo de condicionamento existencial que nele produz exatamente o contrário, ou seja, a negação tácita de todos aqueles ideais. Porque já não têm

sentido as aventuras "por mares nunca de antes navegados", quando a terra não é "mais extensa que o que se vê e palpa".

Deste ligeiro confronto, uma última certeza. Mudem, embora, os tempos e os pontos de vista, não muda em essência, conquanto assumam aspectos diferentes, a perene inquietude do homem acerca do homem. Latente, ela por vezes emerge e se escoia em Poesia. Emerge no lírico esplendor de Ricardo Reis que, racional, mas de uma razão que cria para a arte o mundo e não a mente, vê na externa e dada realidade a nossa verdadeira natureza.

E severo, e sereno, e firme, e frio como os píncaros sem nada, Reis consegue, animado pelo vigor do gênio pessoano, criar, para a arte e para o mundo, sobre os acordes efêmeros da vida a puríssima, eterna melodia das *Odes*.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- CIDADE, Hernani. *O conceito de poesia como expressão da cultura*. 2. ed. Coimbra, A. Amado, 1957. 328 p.
- . *Portugal histórico-cultural*. 3. ed. Lisboa, Arcádia, 1972. 449 p.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 2. ed. Lisboa, Verbo, 1963. 290 p.
- DICIONARIO de mitologia grego-romana. São Paulo, Abril Cultural, 1973. 196 p.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Chicago, 1963. v. 6, 22.
- ESQUILO. *Prometeu acorrentado*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d. 200 p.
- GALHOZ, Maria Aliete. O momento poético do Orpheu. *Orpheu* (1): ix-ii, 1971.
- LIND, Georg Rudolf. *Teoria poética de Fernando Pessoa*. Porto, Inova, 1970. 359 p.
- LOPES, Oscar & SARAIVA, Antonio José. *História da literatura portuguesa*. Porto, Porto Ed., s.d. 1122 p.
- LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa revisitado*. Porto, Inova, 1973. 248 p.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *Fernando Pessoa, poesia* 3. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1965. 121 p.
- PADRAO, Maria da Glória. *A metáfora em Fernando Pessoa*. Porto, Inova, 1973. 215 p.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*, 4. ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972. 786 p.
- . *Obras completas*. Lisboa, Ática, 1963-74. 11 v.
- . *Obras em prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1974.
- . *Páginas de doutrina estética*. Lisboa, Inquérito, 1946. 368 p.
- . *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*. Lisboa, Ática, s.d. 358 p.
- . *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Lisboa, Ática, 1966. 448 p.
- QUADROS, Antonio. *Fernando Pessoa, a obra e o homem*. Lisboa, Arcádia, 1960. 330 p.
- SACRAMENTO, Mário. *Fernando Pessoa, poeta da hora absurda*. Lisboa, Contraponto, 1959. 168 p.
- SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o poetodrama*. São Paulo, Perspectiva, 1974. 209 p.
- SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa*. 3. ed. Lisboa, Bertrand, 1973. 715 p.

#### Resumo

Os deuses, na poesia de Ricardo Reis, constituem um dos elementos mais significativos da sua temática, que se preocupa em re-

viver valores, imagens e motivos peculiares às ideologias clássicas, a fim de adaptá-los e situá-los à luz dos problemas do homem contemporâneo. Partindo de uma nítida diferenciação entre as imagens divinas e a condição humana, o presente trabalho tem por objetivo focalizar, no seio do universo poético de Ricardo Reis, os graus ascendentes de elevação do homem, num processo proporcional e crescente de materialização do divino. No grau mais elevado da sua escala ascendente, o Homem, que tem sido sempre o centro vital (como não poderia deixar de ser) da posição humanista e pagã deste heterônimo de Fernando Pessoa, sobrepõe-se inteiramente às divindades, que não têm sido mais que meros pontos de referência para essa mesma ascensão. Em consequência, no instante em que os deuses atingem uma completa materialidade, sem poderem já sobreviver a essa situação "divinamente" inconcebível, o Homem, finalmente igual a eles, atinge por sua vez o nível de uma nova dimensão, fundada na anulação total do transcendente e no futuro extraordinário da natureza e do real.

### Résumé

Dans la poésie de Ricardo Reis, les dieux constituent un des éléments les plus significatifs de sa thématique, qui s'occupe de faire revivre les valeurs, les images et les motifs péculiers aux idéologies classiques, afin de les adapter et de les situer au niveau des problèmes de l'homme contemporain. Partant d'une différenciation très nette entre les images divines et la condition humaine, cette étude a pour objectif d'envisager, au sein de l'univers poétique de Ricardo Reis, les degrés ascendants d'élévation de l'homme, dans un processus proportionnellement progressif de matérialisation du divin. Au degré le plus élevé de son échelle ascendante, l'Homme, qui a toujours été, ce qui est logique, le centre vital de la position humaniste et païenne de cet hétéronyme de Fernando Pessoa, surpasse entièrement l'idée de ces divinités, qui n'ont jamais été que de purs points de référence pour cette même ascension. Par conséquent, à l'instant, où les dieux atteignent une complète matérialité, ne pouvant plus survivre à cette situation "divinement" inconcevable, l'Homme, finalement égal à eux, atteint à son tour le niveau d'une dimension nouvelle, fondée sur l'annulation totale du transcendant et sur le triomphe extraordinaire de la nature et du réel.